

Credores vão jogar duro com o Brasil

Nova Iorque — Os bancos privados internacionais se propõem a fazer tudo para evitar que o Brasil obtenha uma redução substancial do custo do serviço de sua dívida externa, de cerca de 108 bilhões de dólares. Reconhecem no entanto, que sua posição será relativamente débil nas negociações que terá na próxima semana, em Nova Iorque, com o Governo brasileiro.

Depois das concessões sem precedentes que o México obteve em 1986, tanto no refinanciamento de sua dívida; de pouco mais de 100 bilhões de dólares; como na negociação de novos empréstimos, os bancos internacionais sentem esse precedente como um peso negativo e vêm as negociações com o Brasil como uma “tomada de pulso”, cujo resultado influirá sobre futuras negociações com outros países devedores do terceiro mundo:

Reafirmando sua opinião de que o acordo com o México foi negociado, na realidade, por esse país com o governo dos Estados Unidos; o FMI e o Banco Mundial e apresentado aos bancos privados como um fato consumado, porta-vozes bancários advertiram, nas últimas horas, que “isso não acontecerá com as negociações sobre a dívida do Brasil”.

Por sua vez, o ex-ministro peruano Pedro Pablo Kuczynski, diretor do “First Boston Corporation”, admitiu que os bancos privados “desde o momento em que aceitaram os termos do acordo mexicano, colocaram-se em uma posição que os obriga a dar o mesmo tratamento a todos os outros países devedores”.

O Governo brasileiro não revelou ainda os detalhes das propostas que apresentará aos bancos, mas nos últimos meses de 1986 anunciou aos seus credores de serviço de sua dívida, que nos últimos cinco anos representou para o Brasil uma drenagem de recursos ao redor de 57 bilhões de dólares.

No dia 5 de dezembro, falando perante representantes de alguns dos principais bancos privados credores do País, Funaro declarou, em Nova Iorque, que seu Governo “negociará tudo o que seja negociável”, com exceção do “desenvolvimento da economia e o lucro de um nível de transferência que seja compatível com esse desenvolvimento”.